



Estéticas de vídeo e existência na ambiência da tevê universitária¹

Vanessa Maia Barbosa de Paiva

Celina Rosa dos Santos²

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir as possibilidades de conhecimento geradas a partir da produção dos programas de uma tevê universitária. O enfoque não se detém somente às competências necessárias para essa produção, mas também às potencialidades e possibilidades geradas pelos alunos/produtores. Defendemos que a produção de uma tevê universitária não pode ser considerada apenas como uma atividade 'extra' sala de aula. O enfoque epistemológico priorizado é, portanto, aquele que aborda as produções dos alunos como produções que extrapolam o âmbito acadêmico e ganham a dimensão da vida. Diante do exposto, podemos considerar que produzir televisão também é produzir subjetividades. Subjetividades estas que se constituem também de potências de realizações e experimentações. Que se constituem assim, em estéticas de vídeo e existência.

Palavras-chave:

Tevê Universitária, subjetividade, estéticas de vídeo e existência.

Quais seriam os imperativos que estariam sendo considerados na produção dos programas das tevês universitárias? De que maneira é possível conciliar produção, emoção e aprendizagem em grades de programação formadas dentro das instituições de ensino que comportam este tipo específico de tevê? Existiria, a priori, uma prescrição de modos de fazer televisão dentro de um ambiente regido pela multiplicidade de talentos e

¹ Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, Evento Componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Vanessa Maia Barbosa de Paiva Rangel é doutoranda do Programa de Educação da UFES, Mestre em Comunicação pela Uff-RJ e coordenadora da TV FAESA, uma das três TVs que compõem o canal universitário do Espírito Santo. Email: vanessamaia@gmail.com.

Celina Rosa dos Santos é cientista social formada pela UFES, Mestranda em Políticas Sociais pela Uff-RJ e professora do curso de Comunicação da FAESA. celina.rosa.santos@terra.com.br.



singularidades de pessoas? Estas são, em princípio, as questões que gostaríamos de discutir nesse trabalho, que tem como objetivo apresentar algumas possibilidades experimentadas no cotidiano da produção de conhecimento de uma tevê universitária de Vitória, a TV FAESA, que integra a grade do canal universitário do Espírito Santo³.

Contudo, antes de entrarmos nas questões próprias que abrem este texto, acreditamos ser necessário uma breve apresentação do que seria uma tevê universitária, suas formas de produção, características, manutenção, fomento, os modos como se constitui e também como é constituída pelos sujeitos que a integram, dentre outros aspectos.

As tevês universitárias surgem da gênese das tevês educativas, cuja primeira emissora a entrar no ar foi a TV Universitária de Pernambuco, de 1967. Até meados dos anos 1970, ainda segundo estes autores, surgiram mais nove emissoras com diferentes veiculações, sendo seis estaduais e três federais, inclusive a TVE do Rio de Janeiro.(NESPOLI e SILVA)⁴ Com o advento da tv a cabo, implantada no país na década de 90, e, sobretudo, a partir de 1995, com a Lei 8.977, proliferam no Brasil várias tevês denominadas universitárias, integrantes das diversas instituições de ensino superior do país. Esse surgimento deveu-se ao artigo 23 da já referida lei que “obrigava as operadoras de serviço a cabo a tornar disponíveis determinados canais chamados ‘canais básicos de utilização gratuita’, dentre os quais, ‘um canal universitário, reservado para o uso compartilhado entre as universidades localizadas no município da área de prestação de serviços” (NESPOLI e SILVA). No Espírito Santo, o canal que comporta as tevês universitárias: TV FAESA, TV UVV e TV UFES, todas localizadas

³ Este texto faz parte de algumas reflexões desenvolvidas durante a pesquisa desenvolvida no Doutorado em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

⁴ TV Universitária: um ambiente tecnológico de aprendizagem. Artigo de autoria de Ricardo Nespoli e Lucimar da Silva, capturado na internet em 27/02/2008.



na Região Metropolitana da Grande Vitória, chama-se Canal Universitário Arlindo Castro.⁵

Atualmente, segundo dados preliminares da Associação Brasileira de Tevês Universitárias (ABTU), existem aproximadamente cerca de 100 tevês universitárias vinculadas às Instituições de Ensino Superior (IES). Uma tevê universitária, segundo a própria ABTU, é aquela que destina seus conteúdos a valores que promovam à educação, à cultura e à cidadania. Mas é preciso ressaltar que as tevês universitárias também funcionam como laboratórios de extensão do ensino e do aprendizado na maioria das IES do país, uma vez que, em sua grande maioria, estão vinculadas a instituições de ensino que têm o curso de Comunicação Social em suas grades curriculares.

Os estudos sobre televisão tiveram diversas abordagens teóricas, que procuraram compreender as muitas interfaces desse veículo, suas linguagens e modos de operação no tempo-espço da vida cotidiana.

Responsável por promover um (re) ordenamento cultural nos meios tradicionais onde se inseriu – escola, família, religião -, a televisão agiu, nessa perspectiva, como um dispositivo que fragmentou identidades, modelos, discursos, autoridades e ambientes, uma vez que promoveu um descentramento cultural a partir dos conteúdos que exibiu (e ainda exhibe) em suas telas. Some-se a isso, o fato de a televisão instaurar uma temporalidade própria e peculiar, marcadamente influenciada por fluxos e interrupções, e sua multiplicidade de linguagens (MARCONDES FILHO, 1994; MARTÍN-BARBERO, 2001; SODRÉ, 2005/1999/1996; MORIN, 2008).

Uma outra abordagem teórica sobre esse veículo aponta-o como um meio que submete a risco diversas áreas da produção cultural, além de impor temas e assuntos que são antes muito mais relevantes às pressões econômicas e interessadas do mercado do

⁵ O nome do canal, que é administrado pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), foi dado em homenagem ao professor falecido da disciplina de Televisão na Ufes.



que à sociedade em geral. Essa perspectiva, então, nos mostra a tevê como “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica” que exerce um tipo de violência peculiar e cúmplice daquelas que a assistem. (BOURDIEU, 1996:20). Para este autor, a televisão teria a prerrogativa de monopolizar a cabeça das pessoas que não têm acesso a outras fontes de informação. Sendo assim os consumidores de televisão estariam suscetíveis a toda e qualquer influência desse meio e este, por sua vez, não teria nada de aproveitável para oferecer.

Uma outra perspectiva, traçada por Edgar Morin, (2008) aponta-nos para a importância de pensar a tevê de maneira complexa. Para ele pensar a tevê significa pensar o tema no seu conjunto. “Quem busca o pensamento complexo, a visão multidimensional dos fenômenos sociais, não pode se entusiasmar com perspectivas unilaterais e com críticas a tal ponto reducionistas e simplórias”. (MORIN, 2008:17). Morin ressalta que uma teoria que aborde a televisão deve se revestir da complexidade que este objeto exige.

Na avaliação de Arlindo Machado (2000) é importante não desconsiderarmos as experiências que estão contidas nesse veículo, pois as experiências estão lá, seja no âmbito da literatura (Os Maias), seja no âmbito do teatro (Hoje é dia de Maria), dentre outros. Mas se nos deixarmos levar por experiências “frankfurtianas” ou “mcluhanianas”, como ele enfatiza, não conseguiremos vê-las.

Confessar o interesse e o afeto pela televisão não é tarefa fácil, segundo Machado. Eleger a televisão como temática de estudo, menos ainda. Seria mais fácil tomar essas atitudes pelo cinema ou pela literatura. Contudo, acreditamos que a ambiência gerada pela e na tevê constitui outras maneiras de estar e interpretar o mundo. E é justamente essa atitude teórica que gostaríamos de experimentar nesse texto. Optamos por essa escolha, face à nossa convivência com o dia a dia de uma tevê universitária. Optamos assim, por uma análise que pense outra forma de abordar a televisão, suas práticas, modelagens, ensino, subjetivações e maneiras de conceber a



existência. Pontuamos que a opção foi feita por um outro tipo de referência teórica. Não melhor. Um outro. Assim como também se configuram como outras as próprias tevês universitárias e como outros os seus alunos/produtores.

Adotaremos então, diante do exposto, estudos desenvolvidos por Rosa Maria Bueno Fischer (2006), Antônio Negri (1993), Michel Foucault (2006), principalmente por considerarmos que estes autores nos ajudam a pensar a questão das imagens e de seus produtores. Os modos de ver e entender a televisão, bem como as teorias que embasavam estas análises, durante um bom tempo, também foram pautadas pela seguinte questão: O que os meios de comunicação, em especial, a televisão, faz com as pessoas?

Analisando textos de Baudrillard (1993), Laymert Garcia (1993) e Stella Senra (1993)⁶, temos o que consideramos talvez uma profunda, porém desfocada, análise da imagem apresentada acerca da tevê. A televisão, nos contextos explicitados por estes autores, é sempre aquela que esvazia sentidos, explora exaustivamente conteúdos repetitivos, deslocaliza pessoas, apresenta autômatos. Diante dos textos desses autores, uma questão imperativa sobre a qual precisamos refletir seria a que se apresenta: Mas, o que as pessoas fazem com e a partir da experiência com a televisão?

Antônio Negri (1993) nos ajuda a pensar essa questão quando este nos alerta de que “pretendeu-se dar a mensagem da mídia a imagem de metralhadora, que se abate sobre o espectador-alvo miserável, detentora de um poder onipresente – e o aniquila. Esse moralismo obtuso e deprimente ganhou ares de ritual, mais particularmente para uma *esquerda* já agora incapaz de análises propostas e que continua a se refugiar em lamentações inúteis”(NEGRI, 1993:173).

Na avaliação de Negri, essas análises que pretendem apresentar a televisão como a grande vilã da história, acabam nos transformando em “prisioneiros de um destino de passividade, frustrações e impotências” (1993:173). Principalmente quando

⁶ Em textos reunidos no livro *Imagem Máquina*, organizado e prefaciado por André Parente.



trabalhamos práticas e ensino de televisão. A análise da tevê, proposta por este autor, deveria ser uma análise que se pautasse pela dimensão do afeto, do ético, do interativo e, conseqüentemente, do político, pois, “estas concepções de mídia traçadas por muitos autores que se pautam sobre reduções científicas que se embasam em concepções terroristas e lamentações moralistas, trazem uma visão reificada de uma vida que se traduz pela frase: Não se pode fazer nada!” (NEGRI, 1993:174) A televisão então, sob esta perspectiva teórica, criticada por Negri, é obscena. Ou seja, está (ou deveria estar) fora da cena.

Mas se nos deixarmos levar por determinadas perspectivas teóricas, onde vamos refletir sobre o afeto? Onde vamos narrar toda a política e estética de existência que se configuram quando os alunos, ao produzirem tevê, também se produzem, eles mesmos, outros? Onde, quando e como vamos considerar e abrigar toda a potência criativa que surge da fusão de um desejo de realizar e uma necessidade de fazer?

É novamente Negri que nos orienta – quando temos que teorizar sobre nossas práticas - a considerar uma outra dimensão. Uma dimensão que se apresenta no fluxo do dia a dia e das aspirações. Uma dimensão que irrompe na medida em que os alunos se produzem outros, diariamente, como se fizessem deles a frase de Foucault: “Não me peça para ser exatamente o mesmo!”.

Gostaríamos de enfatizar com isso que as potencialidades e possibilidades geradas por esses alunos/produtores da tevê universitária são inúmeras e não podem ser classificadas apenas como atividades ‘extra’ sala de aula. Preferimos, como nos ensina Negri, abordar as produções dos alunos dessas tevês como produções que extrapolam o âmbito acadêmico e ganham a dimensão da vida, pois, segundo esse autor: “a operatividade coletiva, ético-política, emotiva e criativa, que age no mundo da comunicação, é um elemento irreduzível, uma resistência que abre para outros caminhos (pois) está essencialmente na base de constituições de novos indivíduos e de novas interrelações que não param de ocorrer” (NEGRI, 1993: 164).



Na contemporaneidade, a participação da mídia na construção dos sujeitos (ou de suas subjetividades) é fator inegável. Para Rosa Maria Bueno Fischer (2006) a mídia participa dessa constituição “na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma, se dirigem à educação das pessoas, propondo-lhes modos de ser e de estar na cultura” (FISCHER: 2006:08).

Esse movimento, aparentemente traçado como um dentro e um fora do e no sujeito é ainda mais acentuado, quando estes alunos, que estão em contato com o dia a dia do trabalho em televisão, são os produtores e editores dessas tevês universitárias. Ou seja, essa dupla inscrição dos alunos como expectadores e produtores de tevê se reveste em modos de vida que são produzidos e que os produzem.

Como este texto é parte de uma pesquisa maior que está sendo desenvolvida no Doutorado em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, tomamos a liberdade de trazer para este artigo fragmentos das narrativas dos sujeitos pesquisados. Ressaltamos que os trechos das falas são fundamentais para a compreensão das novas configurações de existência que estão sendo empreendidas no dia a dia daquela tevê universitária.

Em uma das entrevistas realizadas perguntamos a um aluno qual era a importância para ele de atuar na tevê universitária. Como primeira resposta, ele nos disse que participar da tevê proporcionava a ele uma possibilidade de experimentar novas linguagens em vídeo, novas habilidades profissionais. Em seguida, enumerou seus outros motivos

“Foi com a minha vinda para a tevê que eu pude trabalhar com o que gosto⁷, que é o cinema, que eu pude exercitar minha criatividade e também foi aqui na tevê que eu pude ser reconhecido, por tudo o que eu consigo fazer, por tudo que eu

⁷ O aluno entrevistado é diretor e produtor de um programa de cinema e vídeo chamado Bitola



posso fazer...Enfim, foi a primeira vez que eu recebi um elogio quando o trabalho que fiz foi apresentado”.⁸

Operando por recortes das narrativas desse aluno percebemos que suas atividades na produção de televisão também operaram produções outras na sua constituição de ser. Ou seja, foi através da produção e apresentação de seu fazer televisivo, dia após dia, semana após semana que ele, também se fez outro, operando com e através de seus desejos, motivações e criações, como nos ensinou Michel Foucault (2006).

A reinvenção da própria vida através de seu aprendizado televisivo moveu-o em direção às suas vontades e, principalmente, ao seu reconhecimento. A experiência desse aluno dificilmente será esquecida porque ele moveu-se em direção à sua prática e também à expansão de sua vida diária. Enfim, fez de sua própria vida uma obra

“Creio que isto não deve ser esquecido. Fazer da própria vida objeto de uma *tékhnē*, portanto, fazer da própria vida uma obra – obra que seja bela e boa. (...) fazendo atuar sua *tékhnē* em função de seu objetivo, do desejo, de sua vontade de fazer uma obra bela” (FOUCAULT, 2006:513)

A constituição de outros modos de existência que ultrapassem os limites para além do que está colocado na condição desse aluno⁹ passa necessariamente, segundo Foucault, pela prática de uma atividade. Seja ela de que natureza for. Essa prática tem o nome de *meletân*. “É preciso não perder de vista que *meletân* designa uma atividade real. Não se trata simplesmente de uma espécie de enclausuramento do pensamento. (...) Trata-se de um exercício real. (Trata-se) de um trabalho que o pensamento exerce sobre

⁸ Grifo nosso. Entrevista concedida às autoras em março de 2008.

⁹ A FAESA está localizada em uma área periférica da Região Metropolitana da Grande Vitória. O bairro onde se situa era, na década de 1970, um lixão. Seus moradores eram, em geral famílias nordestinas que vieram trabalhar na expansão da antes CST hoje Arcellor Mittal. No final dos anos 1980, início de 1990, a região foi reurbanizada. O aluno em questão é morador do bairro e estuda com bolsa do governo federal.



si mesmo, um trabalho de pensamento, mas que tem essencialmente por função preparar o indivíduo para aquilo que em breve ele irá realizar” (FOUCAULT, 2006:515)

No caso desse primeiro aluno que trazemos para esse artigo, uma nova subjetividade, propiciada pela ambiência de uma televisão, emergiu a partir das interações que ele fez levando em conta suas condições presentes e os feixes de influências pelo qual foi atravessado, incluindo nesses feixes, seus desejos e necessidades. Por subjetividades entendemos uma conjuntura de situações e vivências que ocorrem em um cenário histórico-político a partir do qual o sujeito surge como efeito. Sendo assim,

“Falar de subjetividade é falar de uma máquina, de um processo de produção dirigido a geração de modos de existências, ou seja, modos de agir, de sentir de dizer o mundo. É analisar um processo de produção que tem a si mesmo, o sujeito, como produto. É preciso entender a subjetividade ao mesmo tempo como processo e produto” (TEDESCO, 2007:141)

Diante do exposto, podemos considerar que produzir televisão também é produzir subjetividades. Subjetividades estas que se constituem também de potências, de realizações e experimentações. Outra narrativa que trazemos é de uma aluna que nos contou que a passagem pela tevê universitária propiciou a ela uma experiência antecipadora da que ela poderia enfrentar no mercado de trabalho.

“Ah...passar pela tevê pra mim foi muito importante porque aqui, fazendo jornalismo no dia a dia eu tenho a noção do que eu vou enfrentar no mercado de trabalho. Quer dizer....eu me sinto mais preparada né? Eu aprendi a fazer e eu sei que se me pedirem para fazer lá (no mercado) eu vou conseguir, ou pelo menos terei muito menos dificuldade do que se eu não tivesse passado”¹⁰

¹⁰ Entrevistas dadas às autoras em março de 2008.



Essa narrativa, bem diferente da anterior, contudo, não menos importante, emerge a nítida preocupação com a questão do emprego e, para, além disso, percebe-se a experiência da tevê universitária como dispositivo de aprendizagem e capacitação para que a inserção no mercado não seja tão demorada, preocupação de muitos jovens universitários, sobretudo os que estudam em faculdades particulares. A experiência de trabalhar na tevê universitária propiciou para essa aluna modos de se relacionar com a vida, como nos aponta Fischer. “Defendo que a tevê , na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem visual específica, (...) tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente na constituição do sujeito contemporâneo. (Ela) é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar a modos de conhecer o mundo e de se relacionar com a vida”(FISCHER, 2006:15)

Retomando o pensamento de Morin, para quem o pensar deve revestir-se de uma atitude complexa, levando-se em considerações os fenômenos multidimensionais ali implicados, percebemos que um fato - participar da produção dos programas da tevê - desencadeou outros, que talvez nem fossem considerados por essa aluna, quando ela se candidatou a vaga para trabalhar na tevê. Pois, de acordo com narrativas de alguns professores, também ouvidos para essa pesquisa, é visível em sala de aula o desempenho diferenciado dos alunos que são atravessados por essa experiência. Trazemos para esse texto a narrativa de um professor:

“É interessante notar uma coisa. Às vezes o aluno passa despercebido em sala de aula. Ele está lá no cantinho dele, desenvolvendo as tarefas do curso, estudando. De repente aquele aluno cresce (faz um gesto no sentido de levantar a mão acima dos ombros). Ele ‘aparece’. Experimenta novas coisas, ousa, pontua colocações interessantes. Depois de notar alguns casos, não temo em afirmar que, com certeza, foi a experiência



proporcionada pela tevê universitária que fez com que ele ousasse experimentar outras formas aqui dentro e na sala de aula”¹¹

Diante do depoimento desse professor acreditamos que algumas considerações podem ser feitas. Primeira: os alunos buscam uma experiência profissional e com isso, terminam por obter experiências em suas próprias vidas, na medida que vão constituindo novas maneiras de pensar, de agir, na medida que vão experimentando ousar, com textos diversos, assuntos outros e imagens não tradicionais. Ou seja, o exercício de aprendizagem, reflete-se também em um exercício de vida, pois eles pensam a própria vida, enquanto pensam a televisão. Segundo: a convivência com experimentações e outros tipos de linguagem faz desses alunos pessoas com outras atitudes em sala de aula.

Queremos dizer que as maneiras utilizadas para que eles se constituam no ambiente televisão universitária também são maneiras pelas quais eles passam a se constituir em sala de aula. Outras maneiras de ler um texto, a complementariedade de um texto com outro (a exemplo da complementariedade de uma imagem com outra linguagem de televisão). Terceiro: as experimentações produzidas no ambiente da tevê, levadas para a sala de aula também são – ainda que não intencionalmente – produtoras de outras experimentações de vida, na medida em que eles passam a entender que o desafio, o novo e a superposição de imagens e textos também geram atitudes que são aplicáveis à vida, em outros usos com a família, a religião, os colegas de sala, os professores e, conseqüentemente, na compreensão de mundo.

Não estamos querendo dizer que o ambiente de uma televisão universitária é um ambiente desprovido de conflitos, de exigências, de imperativos como horários, prazos, avaliações, jornadas de trabalho, dentre outros aspectos vivenciados por muitas instituições no mundo contemporâneo.

¹¹ Entrevista concedida às autoras em março 2008.



O que estamos querendo enfatizar aqui é que nesse ambiente, que é um híbrido de experiências acadêmicas e profissionais pré-mercado de trabalho, a ênfase é dada à experimentação, como nos fala o mesmo professor da narrativa acima: “nós batemos na tecla da experimentação. Todos os dias eu falo: Meninos experimentem! Ousem ousar! Usem novas linguagens! Tragam outras idéias, pensem outras coisas! Talvez aqui seja o último ambiente com ‘cara’ de trabalho que vocês possam sair do que está previsto, prescrito e dado”.

As experiências proporcionadas pela pintura e pelo cinema já nos mostraram que a perspectiva nos faz enxergar além. A perspectiva nos apresenta uma dimensão maior do campo de visão. E foi com base em uma nova percepção que esses alunos, subjetivados por falas como a desse professor e pelas falas dos outros colegas, que já ouviram isso antes, tiveram diante de si uma perspectiva.

Tiveram diante de si uma nova possibilidade de ver, as próprias maneiras de produzir e, com isso, outras maneiras também de visualizar e produzir a própria vida. Essa constatação nos remete à premissa de Antônio Negri, quando este nos disse que o imperativo da frase “Não se pode fazer nada!”, talvez não consiga se sustentar depois que a perspectiva abriu outros campos de visualização. É claro que as exigências do fazer televisivo, pela lógica do mercado, são ensinadas . Mas não só elas.

Os imperativos de uma ‘grade’ de programação ou de uma ‘grade’ curricular não aprisionou esses alunos em uma repetição contínua e mecânica dos conhecimentos de sala de aula, de tevê universitária e, sobretudo, da vida. A partir da constituição da experimentação de outras formas de fazer tevê esses alunos experimentaram outras perspectivas, outras subjetividades, outras experiências, outra vida.

Enfim, as muitas ‘grades’ não foram capazes de detê-los.

Referências bibliográficas



BAUDRILLARD, Jean. Tevisão/Revolução: O caso Romênia. In PARENTE, André (org.). **Imagem Máquina: A era das tecnologias do virtual.** Tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 147-154.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV** – 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** Tradução de Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Com o que sonham os filósofos? In Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. In Ditos & Escritos. Vol. II. In Mota, Manoel de Barros (org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

NEGRI, Antônio. Infinitude da Comunicação/Finitude do Desejo. In PARENTE, André (org.). **Imagem Máquina: A era das tecnologias do virtual.** Tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 173-176.

NESPOLI, Ricardo e SILVA, Lucimar. TV universitária: um ambiente tecnológico de aprendizagem. Disponível em [http:// www.abtu.org.br/conteúdo.asp?id=44](http://www.abtu.org.br/conteúdo.asp?id=44). Acessado em 13/04/2008.

SANTOS, Laymert Garcia dos. A Televisão e a Guerra do Golfo. In PARENTE, André (org.). **Imagem Máquina: A era das tecnologias do virtual.** Tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 155-161.

SENRA, Stella. Max Headroom: O último jornalista. In PARENTE, André (org.). **Imagem Máquina: A era das tecnologias do virtual.** Tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 162-171.

TEDESCO, Silvia. Subjetividade e seu plano de produção. In Queiroz, André e Velasco e Cruz, Nina (orgs.). **Foucault hoje?** Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.